

## **Integração ou Isolamento? O caso dos caçadores-coletores do Deserto do Kalahari<sup>1</sup>**

Daniel Pereira Rocha - UFSB/UFBA - Bahia - Brasil

Palavras-chaves: Caçadores-Coletores; Ciência; História da Antropologia

Nesse trabalho tento realizar uma síntese acerca do pensamento antropológico que se desenvolveu ao longo do século XX e sua relação com os San<sup>2</sup> que são grupos de caçadores-coletores habitantes da África Austral. Para tal, busco compreender os modelos históricos de compreensão e representação de historiadores e antropólogos acerca desses grupos sociais, colocando em perspectiva a mudança de paradigmas em relação à forma de historicizar e etnografar esses grupos ao mesmo tempo que pretendo rastrear como essas produções científicas se constituem como fonte para elaboração de uma dado imaginário social.

De modo geral as reflexões a serem desenvolvidas pretendem dar ênfase na “história” como categoria analítica com o intuito entender como esta permite ou não a eleição desse grupo social como objeto antropológico, ou seja, a relação entre a história da antropologia e a etnologia desse grupo social africano; as formas de representar essas populações caçadoras-coletoras e conseqüentemente a produção de uma teoria social que tentou (e tenta) dar conta da persistência desse grupos em sustentarem um modo de produção considerado “primitivo”; ao passo que, por fim, pretende-se compreender como as representações dos San e suas agências se constitui como instância motivadora para o debate sobre o caráter original (ou originário) das populações humanas.

As discussões acerca das características distintivas (ou mesmo “exóticas”) de determinados grupos sociais em contraste com a sociedade moderna ocidental é parte da história da antropologia e remonta o final do século XIX e início do século XX com a primeira grande proposição teórica da disciplina que é dada pela hipótese da existência de estágios de desenvolvimento social e cultural da humanidade, que iria do simples ao complexo, ligando diferentes sociedades e culturas através de uma história única, que é o evolucionismo social.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> Os San seriam grupos associados ao tronco linguístico Khoisan que remete a um agrupamento de línguas que tem por característica o uso de “cliques” consoantes e que por isso entende-se que estariam culturalmente relacionados entre si.

Clássicos como *The Golden Bough* de James Frazer (2009) ou mesmo *Ancient Society* de Lewis Morgan (1944) vão se constituir como fontes importantes por trazerem uma “caracterização social” desses grupos lidos como diferentes fomentando assim um imaginário social para a população europeia, ao passo que vão influenciar também a própria teoria social do período, como é o caso de Engels (1964) que no clássico *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* tomará como base o trabalho do Morgan para refletir sobre como teria ocorrido uma transição de estágios sociais pré-capitalista para o modelo social capitalista através de uma análise histórica e material da evolução da família, da propriedade privada e da organização do Estado.

Embora grande parte do início do século XX seja dedicado a expurgar a hipótese evolucionista<sup>3</sup>, o legado que essa proposição teórica deixou enquanto questão para posterioridade foi: primeiro, a tentativa de encontrar a “origem” da sociedade humana, precisamente o ponto “originário” da constituição da diversidade social considerando uma dada uniformidade biológica da espécie humana, e, segundo, a necessidade de catalogação e descrição da realidade material como forma de compreender as mudanças sociais. Assim, em síntese, teríamos a seguinte questão: qual seria a sociedade primeva, diga-se, *primitiva*?

A persistência dessa questão na primeira metade do século XX será enfrentada em outros termos em face da existência de uma série de trabalhos etnográficos produzidos no período por antropólogos que irão incorporar as críticas ao evolucionismo clássico e desenvolver um modelo analítico que leva em consideração a existência de uma multilinearidade no desenvolvimento histórico e cultural das sociedades, uma maior ênfase no ambiente e a adaptação dos humanos a ele, e uma tentativa de compreensão mais profunda e menos alegórica das mudanças sociais e culturais com foco na organização social, tecnologia e subsistência, elegendo, assim, os agrupamentos que vivem da caça-coleta como aquelas sociedades que estariam mais próximas do que seria essa sociedade “primitiva” ou “originária” da humanidade.

No início da segunda metade do século XX, precisamente na década de 1960, vamos ter nos Estados Unidos dois grandes simpósios que vão debater o tema da origem

---

<sup>3</sup> Ainda no início do século XX o desenvolvimento de outras teorias como o funcionalismo e o estrutural-funcionalismo irão apresentar críticas contundentes acerca do evolucionismo social, principalmente, no que diz a respeito a questão do método. O funcionalismo de Malinowski (2018) ao promover a ruptura com uma antropologia feita estritamente com fontes secundárias (relatos de viajantes) inaugurando a etnografia enquanto método antropológico (observação participante) e o estrutural-funcionalismo de Radcliffe-Brown (1978) ao estabelecer uma divisão entre o particular e o geral, sendo função da Etnologia o estudo do particular (método histórico) e da Antropologia Social o estudo das proposições gerais (método comparativo).

da humanidade e os caçadores-coletores. O primeiro foi *Origin of Man* realizado na Universidade de Chicago em 1965 pelo antropólogo Sol Tax que reuniu antropólogos<sup>4</sup> com o intuito de debater as visões acerca da origem do homem em virtude da descoberta de Louis S.B. Leakey (1964), que foi o principal antropólogo envolvido na descoberta arqueológica de um novo fóssil humano (*Homo habilis*), cuja teoria seria a de que três tipos de seres primitivos semelhante aos homens - o *Habilis*, o *Pithecanthropus* (ou *Homo Erectus*) e o *Australopithecus* - teriam convivido simultaneamente na África Oriental na região que compreende o desfiladeiro de Olduvai na atual Tanzânia.

Em face das discussões levantadas neste simpósio foi sugerido por Sol Tax, ainda em 1965, aos antropólogos Richard B. Lee e Irving DeVore que estes organizassem um simpósio nos mesmos termos do *Origin of Man* mas que discutisse as pesquisas recentes relacionadas aos caçadores-coletores. As motivações elencadas para a sua realização residiam no fato dos estudos etnográficos daquele período trazerem novos dados, e, portanto, contribuições substanciais para a mudança da concepção relativa a esses grupos, o que implicava na reavaliação por parte de alguns antropólogos de conceitos básicos como filiação, descendência, territorialidade e estrutura de grupo. Adicional a isso, tem-se o fato da Arqueologia nesse período ter realizado descobertas em virtude da exploração de novos sítios arqueológicos de sociedades caçadoras-coletoras, o que levava a um interesse na reconstrução desse modo de vida como também o reconhecimento do caráter essencial que esses dados teriam para repensar as teorias da sociedade e a própria caracterização de evolução social. Por último, a percepção de que a caça-coleta como modo de vida estaria rapidamente desaparecendo e por isso a realização de um simpósio com esse tema poderia estimular o desenvolvimento de mais estudos a respeito dessas populações antes delas desaparecerem (Lee; DeVore, 1987).

Então, no ano de 1966, também na Universidade de Chicago, pesquisadores de diversas áreas e países se reuniram para realizar o simpósio *Man The Hunter* onde foram socializadas pesquisas e realizados intensos debates acerca da caracterização do modo de vida de grupos caçadores-coletores. O resultado dessa discussão gerou um livro de mesmo nome e cujo subtítulo é “o primeiro levantamento intensivo de um estágio único e crucial do desenvolvimento humano - o modo de vida do homem,

---

<sup>4</sup> Interessante notar que antropólogos aqui são considerados todos aqueles que estão naquilo que é o campo ampliado da Antropologia: os antropólogos sociais ou culturais, os arqueólogos e os paleoantropólogos. O que corrobora com o sentido da configuração do campo da Antropologia nos Estados Unidos (mas também outros países) que congrega: a Antropologia Social (ou Cultural), a Antropologia Física (ou Biológica), a Arqueologia e até mesmo em algumas universidades a Linguística.

outrora universal, a caça”<sup>5</sup> (tradução minha) organizado pelos antropólogos Richard B. Lee e Irving DeVore (1987) no qual encontra-se a transcrição das principais palestras e debates realizados. De fato, *Man The Hunter* caracteriza-se como um marco nos estudos das populações caçadoras-coletoras e por isso se apresenta como um ponto de partida relevante para entendermos melhor o objeto aqui a ser investigado, bem como as questões gerais e específicas e as categorias que se relacionam com ele<sup>6</sup>.

Um primeiro tópico levantado nesse simpósio, de caráter introdutório e de apresentação, refere-se ao reconhecimento da caça-coleta como um dos modos de vida mais duradouros existentes levando em consideração que o “homem possuidor de cultura” teria surgido há pelo menos dois milhões de anos (Lee; DeVore, 1987). Presume-se que ele teria vivido cerca de noventa e nove por cento do tempo como caçador-coletor, sendo os modos de produção agrário e industrial uma invenção recente, levando em conta que somente nos últimos dez mil anos foi dado o início a domesticação de plantas e animais, o uso de metais e de outras fontes de energia para além do próprio corpo humano (Lee; DeVore, 1987).

A caça-coleta seria uma das adaptações mais bem sucedidas e persistentes empreendidas pelos homens colocando em suspensão a ideia de que o desenvolvimento civilizatório e tecnológico da sociedade moderna seria uma etapa “evolutiva” em termos de persistência e consistência da vida humana na Terra. Como apontam os organizadores do simpósio, “ainda é uma questão em aberto se o homem será capaz de sobreviver às condições ecológicas extremamente complexas e instáveis que ele criou para si mesmo”<sup>7</sup> (Lee; DeVore, 1987, p.3, tradução minha).

Compreendia-se, então, que os antropólogos de uma maneira geral deveriam se interessar por este modo de vida, já que apesar dos estudos da Biologia Evolutiva considerarem o comportamento como um elemento central da adaptação e evolução das espécies a emergência de formas sociais, econômicas e ideológicas fariam parte da evolução humana assim como seu desenvolvimento anatômico e fisiológico (Lee; DeVore, 1987).

---

<sup>5</sup> “The first intensive survey of a single, crucial stage of human development – man’s once universal hunting way of life”.

<sup>6</sup> O livro está organizado em oito partes que de um modo geral já apresenta as grandes áreas ou temáticas que circundam a análise dessas sociedades e que podemos depreender pelo menos seis como particularmente relevantes que são: a) Ecologia e Economia, b) Organização Social e Territorial, c) Demografia e Ecologia Populacional, d) Caçadores-Coletores Pré-Históricos, e) Caça e Evolução Humana e f) O Conceito de Primitivismo.

<sup>7</sup> “It is still an open question whether man will be able to survive the exceedingly complex and unstable ecological conditions he has created for himself”.

Obviamente, tratando-se de um espaço de debate, o simpósio tentou encontrar “soluções” para posições divergentes, por isso ainda na parte introdutória os organizadores fazem um levantamento prévio das discussões feitas e dos problemas enfrentados nos estudos dessas populações caçadoras-coletoras como: a) a definição de caçadores; b) a representatividade das amostras de grupos de caçadores; c) a reconstrução etnográfica; d) a problemática da subsistência; e) a oposição entre caça e coleta; f) organização social e territorial através da patrilocalidade como característica definidora de grupo; g) o problema da corporação; h) a flexibilidade e resolução de conflitos por fissura; i) as características demográficas e de ecologia populacional. Tentarei abaixo fazer uma descrição ao que cada problema desse se refere:

- a) Em relação a definição de caçadores-coletores, no decorrer do simpósio não foi possível encontrar uma definição satisfatória. Embora fosse considerado a possibilidade de adotar uma posição baseada em uma definição evolutiva, compreendeu-se que seria impossível utilizá-la uma vez que confinaria os caçadores ao período do Pleistoceno cuja características remontariam a economias em que não existiriam contato com populações não-caçadoras, ausência de metal, armas de fogo, ou mesmo contato com cachorros. De modo que caso fosse adotada essa posição, como apontaria o antropólogo Marshall Sahlins, em lugar nenhum da Terra seria possível encontrar caçadores nesse mundo de “caçadores” invalidando majoritariamente os estudos apresentados ali. Outros tentaram definir a partir do nível de organização social através da ideia de “bando” mas sem sucesso uma vez que como demonstrado nem todos os caçadores estariam organizados em bandos. Uma outra tentativa de definição levantada era considerar os caçadores como “agricultores fracassados”, cuja hipótese seria que alguns grupos teriam se readaptado a caça, no entanto, isso deixaria de lado alguns casos ambíguos como o de caçadores tribais e caçadores “descentralizados”. Assim, em primeira instância foi adotado o termo “caçadores” como uma terminologia conveniente para todos os casos de grupos apresentados no simpósio, mesmo aqueles grupos que foram apontados como vivendo majoritariamente de outras fontes de alimentos que não a carne como peixes e plantas.
- b) Uma primeira questão levantada acerca deste tópico era se as amostras disponíveis e etnografias apresentadas desses grupos seria representativa em termos de alcance em relação aos habitats (com casos na Oceania, África, Ásia, América do Sul e América do Norte) que essas sociedades ocuparam no passado. Uma segunda questão

refere-se a qualidade da amostra, uma vez que em virtude da expansão colonial que se sucedeu (e que ainda sucedia) muitas das pesquisas realizadas desde dos anos de 1900 foram realizadas em contextos em que grande parte desse modo de vida havia sido destruído, e, portanto, um conjunto dessas populações foram descritas fora das situações “tradicionais” do seu modo de reprodução vital o que teria levado alguns antropólogos a concluírem que a vida dessas populações seria uma constante luta pela sobrevivência. Isso teria implicado em uma interpretação similar acerca dos supostos ancestrais da humanidade.

- c) A problematização da reconstrução etnográfica diz respeito à tentativa de ruptura no modo de descrever e caracterizar as populações caçadoras-coletoras e à necessidade de reconhecer que muitos estudos foram realizados com populações não isoladas (em contexto de contato). Se no início as etnografias acerca das populações caçadoras-coletoras visavam fazer uma compilação de informações dadas por informantes mais velhos e produzir uma imagem daquela sociedade ou cultura visando descrever a sua forma verbalizada (linguagem, mitos, contos populares e termos de parentescos) e suas expressões concretas (rituais, tipos de casa, vestimentas e objetos religiosos), nesse momento histórico emerge uma mudança nessa concepção e portanto-se problematiza-se o que deveria se constituir como “fato etnográfico”. Ou seja, em virtude da análise de indivíduos e sistemas sociais em curso, o interesse pela ideologia desses grupos deveria ser mantido, mas mediada pela tarefa de comparar as normas declaradas com os comportamentos observados. Quando os etnógrafos percebessem a existência de uma discrepância nos relatos entre o “real” e o “ideal” deveria se realizar mais questionamentos e observações com o intuito de explicar como “a sociedade funciona de fato”. No entanto, apesar de existir uma relevância metodológica nesse tipo de proposição, três dificuldades são listadas (e que estão relacionadas) que são: a impossibilidade do método etnográfico de caráter reconstrutivo de testar e verificar hipóteses; a questão se é possível reconstruir eventos de vinte a cinquenta anos atrás tendo como base somente relatos de informantes; o último e mais interessante é o fato e o reconhecimento de que alguns grupos utilizam a ficção como forma de descrever os seus sistemas sociais, a exemplo dos Hadza na África Oriental que se descrevem como possuindo um sistema de descendência matrilinear quando de fato a estrutura de parentesco e de grupo é bilateral.
- d) Muitos trabalhos discutiram as questões ecológicas e as formas de organização econômica desses grupos. Uma quantidade substancial de trabalhos que tiveram

como base a pesquisa de campo apontam ao contrário do que era esperado que grande parte dos caçadores-coletores mantém sua existência com poucas horas de trabalho e com fontes abundantes de comida. Muitos desses grupos gastam em média de duas a quatro horas de trabalho por dia para a sua subsistência sem grandes preocupações em relação à falta de comida. Contudo, apesar desse fato alguns grupos têm sofrido uma “pressão ecológica constante” que os tem levado a uma dificuldade maior na obtenção de recursos. Se nem todas sociedades podem ser vistas sob o prisma daquilo que Marshall Sahlins (2017) chamou de “sociedades afluentes” essa perspectiva produziu um deslocamento da percepção sobre a economia dos caçadores-coletores a partir da lógica da escassez.

- e) A oposição entre caça e coleta é colocada na busca de caracterizar a importância dessas atividades para o desenvolvimento dos grupos apresentados. Alguns trabalhos vão partir da crença que a caça de mamíferos se constituiu como uma das características principais do “homem primitivo” tendo ocupado importante papel na evolução humana. No entanto, ao tratar dos caçadores modernos a atividade da caça aparece como secundária quando comparada com a coleta, ocupando somente cerca de vinte a quarenta por cento da dieta dessas populações sendo grande parte dela suprida pela coleta através de alimentos vegetais como nozes, frutas e raízes ou até mesmo da pesca ou coleta de mariscos. Aponta-se ainda que a caça seria uma atividade masculina enquanto a coleta seria uma atividade das mulheres.
- f) A patrilocalidade como característica definidora de grupo seria uma proposição generalista colocada desde a análise de Radcliffe-Brown acerca dos aborígenes australianos, sendo considerada por alguns antropólogos como a forma de organização básica de todos os caçadores-coletores. No entanto, essa posição é colocada em questionamento uma vez que alguns etnógrafos não evidenciaram isso em outros contextos, como no caso dos Bosquímanos [*Bushmen*] ou Mbuti Pigmeus [*Mbuti Pygmies*], e que cuja análises apontam para que a composição desses grupos locais tenderia a ser flexível. O ponto é que apesar de também serem apresentados trabalhos acerca de grupos que assumem uma organização patrilocal, o que ficou evidente é que em contexto de contato a organização mais fluida (bilateral) dos caçadores-coletores modernos certamente constitui uma vantagem adaptativa englobando aspectos como ajuste do tamanho de grupo e de recursos, nivelamento em termos de variação demográfica e resolução de conflitos por fissão. Ou seja, uma organização fluida em termos ecológicos parece fazer mais sentido para certos

grupos de caçadores-coletores e tende a ser uma característica mais adaptativa que um sistema patrilocal.

- g) O problema da corporação refere-se a uma crítica e uma alerta acerca da adoção de concepções utilizadas para compreender sociedades tribais e de pequena escala na análise das sociedades caçadoras-coletoras. Concepções como propriedade, chefias, cortes ou conselhos parecem não ter análogo vigente nesses agrupamentos. Portanto, os trabalhos apresentados no simpósio estão em consonância na compreensão de que os caçadores-coletores não são uma corporação de pessoas que estabelecem vínculos para a manutenção de propriedade. Uma corporação precisaria de duas condições, que entre os agrupamentos de caçadores-coletores não se verifica que é a necessidade de ter recursos em sua posse e meios de definir quem tem direito sobre esses recursos, pelo menos uma dessas características é ausente nesses grupos.
- h) A flexibilidade na resolução de conflitos parece ser uma característica dos caçadores-coletores em virtude daquilo que foi apontado anteriormente. O fato desses grupos não possuírem exclusividade e direito sobre os recursos facilita a manutenção harmônica dos grupos de modo que mesmo em situações de disputa a utilização da violência ou mesmo formas estabelecidas de resolução de litígios não são verificadas. A solução em casos em que não é possível a manutenção harmoniosa dos grupos ou mesmo de indivíduos é a separação entre eles.
- i) As características demográficas e de ecologia populacional apresentam-se correlacionadas. É evidenciado que de maneira geral as sociedades caçadoras-coletoras tendem a ser caracterizadas como de pequena escala, muitas vezes não ultrapassando o quantitativo de mil pessoas. Essa característica, então, evidenciaria um dado ecológico importante que refere-se ao fato de que pequenos grupos nômades e com baixa densidade populacional seriam mais resistentes a doenças de proporções epidêmicas em contraposição a agrupamentos agrícolas organizados em aldeias e com um alta densidade populacional. É apresentado também que existiria uma tendência a grupos de larga escala a se dividirem em grupos menores. O quantitativo que vai de vinte e cinco a cinquenta pessoas em termos de grupos locais é o que tende a ser reportado de modo mais frequente, não sendo apresentada durante o simpósio nenhuma explicação razoável para essa tendência central. Ainda no que se refere a manutenção desses contingentes populacionais considera-se que doenças, desnutrição ou mesmo infanticídio exercem um papel importante no controle populacional.

Por fim, a partir dos pontos levantados chega-se a uma formulação geral acerca dos caçadores-coletores e seu “estilo de vida nômade”. Duas premissas básicas levantadas são que eles vivem em pequenos grupos e se movimentam com frequência. Daí, implica-se cinco características:

- 1) Se indivíduos ou grupos pretendem se movimentar com frequência para conseguir comida, a quantidade de bens e propriedades pessoais devem ser mantidas em um nível muito baixo. Isso por efeito produz uma igualdade em termos de posse e bens reforçando o argumento de que os caçadores-coletores se organizam através de um sistema igualitário.
- 2) O suprimento de comida usualmente é obtido para manutenção de grupos de pequena escala não ultrapassando geralmente a quantidade de cinquenta pessoas. A constante redistribuição populacional (aumento ou diminuição dos grupos) faz com que a caça-coleta seja mantida num nível efetivo.
- 3) Os grupos de maneira geral não possuem direito exclusivo aos recursos obtidos, podendo estes serem compartilhados com outros grupos. Assim, a obtenção de comida pode variar de região para região ou mesmo de um ano para outro, o que cria uma situação de fluidez entre os grupos que podem aumentar ou diminuir a depender da situação, produzindo muitas vezes um padrão de visitas e encontros entre eles gerando essa obrigação de compartilhamento.
- 4) A produção de excedente alimentício não é uma característica proeminente e definidora desses grupos organizados em pequena escala.
- 5) A frequente movimentação e visita entre as áreas onde se obtém recursos previne então que um grupo se fixe e seja dominante nelas.

Além dessa caracterização geral acerca das sociedades que vivem da caça-coleta, a segunda parte da introdução irá se debruçar sobre o “atual status” das populações caçadoras-coletoras ao redor do mundo, no qual os Bosquímanos [*Bushmen*], notadamente os San, se apresentam como um caso particular em relação o modelo genérico anteriormente apresentado.

Peter Murdock (1987) sinaliza que desde a descoberta do que seria o “Novo Mundo” cerca de quinze por cento da Terra seria ocupada por caçadores-coletores. No entanto, a partir desse momento o que ocorre é uma diminuição progressiva desses grupos, restando como sobreviventes pequenos grupos isolados. No seu levantamento,

excluindo os grupos que denomina de caçadores montados, pescadores sedentários e lavradores incipientes, existiriam cerca de 27 agrupamentos sociais que viveriam da caça-coleta em diversas partes do planeta possuindo representantes na África, no Leste Asiático, na Oceania, na América do Norte e na América do Sul. Na África teríamos como representantes listados os Bosquímanos [*Bushmen*], os Pigmeus [*Pygmies*], os *Koroca*, os Caçadores do Leste da África (Dorobo, Hadza e Kindiga) e os Caçadores Etíopes.

Murdock demonstra ainda que o estudo dessas populações caçadoras-coletoras “sobreviventes” concentram-se especialmente na região da América do Norte, e que por influência do próprio Lewis Morgan os etnógrafos norte-americanos ao longo do tempo se dedicaram a realizar um estudo sistemático acerca das terminologias de parentesco e as correlações sociais desses grupos. Por consequência, em termos comparativos, aponta ele, teríamos uma quantidade significativa de informações de parentesco desses grupos contabilizando cerca de oitenta e cinco por cento de todas as tribos norte-americanas que tiveram contato com o homem branco, enquanto que das tribos conhecidas da África só cerca de quinze por cento. Apesar de conhecimento ainda incipiente, ele considera que futuras pesquisas no continente africano poderiam ser realizadas com alguma base já constituída apesar da gama cada vez menor de possibilidades geográficas para tal, já que parece antevê a não sobrevivência futura desses grupos.

Essa ideia suscitada acerca da não sobrevivência dos grupos caçadores-coletores e a ausência de um conhecimento significativo dessas populações africanas vai ser um motivador para estudos posteriores e parece adquirir um sentido particular acerca dos San, uma vez que estes possuem um longo processo histórico de resiliência em termos de manutenção do seu modo de vida em face ao contato com outros agrupamentos humanos.

John Wright (1978) aponta que a “história” dos San ou Bosquímanos surge na metade do século XVII com o contato desses caçadores-coletores com europeus letrados, assim, a história que conhecemos acerca desses povos possui como pano de fundo o processo colonial europeu. Desde esse contato os San sofreram um colapso progressivo em termos da sua organização social em face da pressão externa exercida pelos colonizadores como também por grupos Khoi e grupos pastoris e agrícolas de língua Bantu. Por consequência, dois séculos depois da chegada dos europeus, grande parte dos San desapareceram das vastas áreas anteriormente habitadas por eles e com um contingente populacional reduzido acabaram por desenvolver relações de dependência com essas comunidades coloniais ou grupos de língua Bantu.

Dessa forma, para Wright, a história dos San deve ser sempre colocada no contexto do expansionismo colonial europeu e suas práticas de subdesenvolvimento. Daí, ficar evidente o desinteresse nos estudos desses grupos durante o século XIX, principalmente por conta de dois fatores: a crença que esses grupos não teriam importância para o desenvolvimento da África do Sul e a tradição dos historiadores europeus dessa época que teriam como foco de estudo os assentamentos coloniais existentes ou o poder colonial europeu. Sendo assim, seria recente o interesse dos historiadores acerca do “sucesso” e “insucesso” desses grupos. No caso dos antropólogos, estes figurariam como sendo sujeitos das regras coloniais se apresentando ora como aliados ora como vítimas dos poderes coloniais (Wright, 1978).

Outro fator importante refere-se ao fato de que a história dos San seria produto de “outsiders”, ou seja, grande parte da historiografia San possuiria como base fontes históricas parciais colocando em jogo uma oposição - e um certo viés - entre uma história externa, a do contato dos San com outros grupos, e uma interna, na qual haveria “quase nada a ser dito”. Em síntese entende-se que “a história dos San é assim predominantemente a história do seu contato com outros povos”<sup>8</sup> (Wright, 1978, p.2, tradução minha).

Logo, no século XIX não existiria lugar para esses grupos em relação ao que se compreendia como “civilização” uma vez que eram caracterizados como as “sociedades sem”:

Unlike other African societies, the San had virtually nothing to offer to Europeans which could have led to the formation of groups with a vested interest in preserving their existence. They possessed no property and produced no commodities to attract traders; missionaries had tried and had failed to evangelize them; their numerical weakness and nomadic habits made them of little use as political allies; and their availability as a source of labour depended in fact on the break-up of their independent societies. (Wright, 1978, p.3)

Wright acredita que grande parte dessa imagem negativa e desfavorável acerca dos San deve-se a perspectiva e concepção da história ocidental sobre raça e cultura durante esse período, como também pela primeira geração de historiadores sul-africanos cujas ideias vão influenciar a historiografia desses povos pelos setenta a oitenta anos seguintes.

A figura mais emblemática e representativa nesse quesito é o historiador sul-africano George McCall Theal que foi um dos pioneiros na construção da

---

<sup>8</sup> “The history of the San is thus predominantly the history of their contacts with other peoples”

historiografia San a partir da utilização de fontes arquivísticas. Entre 1880 e 1920 ele teria construído um grande e detalhado acervo com fontes que seriam consultadas por outros historiadores e divulgadores dessa história, sendo, então, o responsável por definir o padrão de escrita (ou ironicamente como sinaliza Wright a “não escrita”) da história San, padrão esse que se manteria até a década de 60 do século XX<sup>9</sup>.

O final do século XIX é o momento histórico de culminância do processo expansionista europeu que teve como efeito a disputa e partilha da África bem como a intensificação da ideia de uma supremacia branca em relação as pessoas de cor. Sugere-se, como sinaliza Wright, que é nesse momento que surge o caráter “moderno” do racismo sul-africano com aumento de noções preconceituosas dos brancos em relação aos povos locais de modo que os pensadores brancos sul-africanos começarão a pensar acerca do “problema nativo” [*the native problem*] e o “conflito racial” [*race conflict*] de forma a articulá-los em uma ideologia que terá como base a justificação e perpetuação de um domínio político e econômico dos brancos em relação aos negros africanos.

Assim, o trabalho de Theal cria tipificações e estereótipos como “ladrões”, “assassinos”, “saqueadores”, “fora da lei” e “pragas”<sup>10</sup> para se referir aos San. Isso também aconteceu de certo modo com os primeiros trabalhos etnográficos, que datam de 1870 e que acabaram por reforçar a imagem deles como “selvagens” (Wright, 1978).

Thus Theal wrote in full accord with the views of his time when in 1902 he described them as people with “low” order of society, language, and reasoning power, who were “vindictive, passionate and cruel in the extreme”, and among whom “human life, even that of their nearest kindred, was sacrificed on very slight provocation. In contrast to Europeans, they lived a “wretched” life, with pleasures “hardly superior to those of dumb animals” (Wright, 1978, p.3)

Toda essa caracterização negativa residia basicamente no “problema de fronteira” entre os San e os colonos. Theal (1909) desenvolve essas ideias exatamente em virtude da existência de conflitos dos San com os assentamentos coloniais, já que alguns caso haveria “invasão” de ambos os lados na disputa por recursos, cujo resultado era geralmente a morte aplicada como punição aos San. Ele acreditava ainda que a única maneira deles se manterem vivos seria deixando de ser “relutantes” e cederem ao modo vida colonial (Wright, 1978). No entanto, o argumento que ele utiliza para decretar a

---

<sup>9</sup> O que indica que de fato *Man The Hunter* parece ser fruto de uma mudança paradigmática acerca da importância do entendimento das populações caçadoras-coletoras.

<sup>10</sup> Ironicamente essas características parecem descrever muito bem aquilo que os colonizadores europeus foram.

possível “extinção” dos San é exatamente o motivo da resiliência desses grupos na manutenção do seu modo de vida.

It was hoped now these people would cease committing depression upon the colonialist and live at peace. The blame for the hostilities that took place was always thrown upon them, and their heavy losses in dead were regarded as righteous punishment for the crime. But there is another point from which this matter can be viewed, when the conduct of the Bushmen will not appear so atrocious. It was with them a question how they were to live. The colonists were encroaching constantly upon their hunting grounds, their fountains were appropriated and their game was destroyed, without any thought of wrong being done to them. They could not retreat inland without encountering foes of their own race. To enter the service for the colonists was really their only chance of survival, but this was beyond their comprehension, and would have been almost as much opposed to their inclination as death itself. They could not adapt themselves to their new environment, they tried to live as their ancestors had lived, and therefore they were fated to perish. The wave of European colonisation was not to be stayed from rolling on by a few savages who stood in its course (Theal, 1909, p.509, grifo meu).

De um modo geral para Theal, existiria uma aversão geral aos San, não só em relação aos brancos mas também aos Khoi e grupos Bantu. Desse modo, ele ignora o fato do contato com os brancos terem moldado algumas dessas relações e potencializado conflitos. Em outro sentido, não existe o reconhecimento de dinâmicas pacíficas anteriormente existentes entre os San e os Khoi baseada na relação “patrão-cliente” que datam do século XVII, ou mesmo as relações mais atuais que parecem se desenvolver nos mesmo termos dos San com os Tswana (Wright, 1978).

Segundo Wright, o ponto de inflexão dessa visão começa a ocorrer a partir do trabalho *The Khoisan People of South Africa* publicado pelo antropólogo britânico Isaac Schapera em 1930 que passou a retratar o modo de vida dos caçadores-coletores africanos de forma muito variada contribuindo para a mudança gradual do modo de visão racista que predominava nos intelectuais ocidentais no século XIX. No entanto, essa mudança que se iniciava na antropologia parece não ter mudado de forma substancial a maneira dos historiadores retratarem os San.

Os historiadores dessa época, principalmente aqueles de língua inglesa e afrikaans, continuaram a tratar como objeto privilegiado de reflexão a sociedade branca sul-africana capitaneada por uma geração de intelectuais brancos liberais que estavam preocupados com o desenvolvimento das “relações raciais”, e, conseqüentemente, da sua própria identidade como Afrikaners (Wright, 1978). Exemplo da visão preconceituosa que ainda persistia na historiografia no século XX, é o trabalho *Cape*

*Color Question* do historiador William Miller Macmillan escrito em 1927, que parece reforçar o tipo de análise de Theal, sinalizando as complicações políticas de como governar os nativos sejam eles Bosquímanos [*Bushmen*], Hotentotes [*Hottentots*] ou os Bantus. Logo, a destruição dos grupos San que aconteceu no século XVIII é atribuída por Mcmillan a uma “inadequação teórica” defendida pelos colonos brancos que os colocavam na condição de animais que deveriam ser mortos (Wright, 1978).

A centralidade da separação apresentada pelos historiadores Afrikaners para ocultar a estratégia de dizimação desses povos através do “problema de fronteira” e “problema nativo”, foi a conversão da expulsão territorial provocada pela estrutura colonial desse grupos dos seus territórios em uma “tradição” de separação territorial entre brancos e não brancos (Wright, 1978). O que antes era uma falha na capacidade de civilizar esses povos transmutou-se em uma naturalização cultural da separação que culminou posteriormente no fenômeno do *apartheid*.

A resistência em ceder a civilização colonial durante séculos, fez com que nas décadas de 50 e 60 do século XX houvesse um interesse maior nessas populações em virtude do surgimento de estados nacionais africanos e a manutenção desses grupos no conjunto desses “novos territórios”. Um maior interesse, então, acerca da resistência dessas populações caçadoras coletoras ao longo do tempo e novas descobertas arqueológicas fez com que houvesse um aumento nas publicações de relatos etnográficos com base em trabalho de campo e produção de teorias que visavam produzir sínteses sobre essa resiliência social frente às adversidades que esses povos viveram ao longo de séculos (Wright, 1978). De maneira tal, que passa a se reconhecer a resistência San como característica desse grupo rompendo a ideia de que eles foram somente vítimas dos poderes coloniais e imperialistas, mas, sobretudo, de que possuíam a capacidade de “desempenhar um papel na determinação do rumo de suas próprias vidas diante das forças (para eles) incompreensíveis que operavam para dominá-los”<sup>11</sup> (Wright, 1978, p.7, tradução minha). *Man The Hunter*, como apontado anteriormente, surge nesse cenário em que buscava-se uma melhor compreensão da manutenção e persistência do modo de vida baseado na caça-coleta.

Os debates e estudos que aconteceram no simpósio *Man The Hunter* irão se configurar como marco em termos de legitimação desse campo de estudo, não deixando de lado as divergências existentes relativas à compreensão e existência dos San enquanto caso particular. A continuidade de estudos históricos, antropológicos e

---

<sup>11</sup> “To play a part in determining the come of their own lives in the face of the (to them) incomprehensible forces which were operating to overwhelm them”.

arqueológicos vão revistar o “problema de fronteira”, ou seja, como se desenvolveu no passado as relações do San com outros grupos, culminando na década de 1980 naquilo que denominou-se *Kalahari Debate*<sup>12</sup>.

O *Kalahari Debate* trata-se da divergência de perspectiva em relação a compreensão da organização social e da fronteira que os San estabeleceram com outros grupos sociais. De uma lado teríamos os organizadores do simpósio *Man The Hunter*, Richard Lee e Irvan DeVore chamados de “tradicionalistas” ou “isolacionistas” e do outro lado James Denbow e Edwin Wilmsen que são denominados “revisonistas” ou “integracionistas”.

Segundo Alan Barnard (1992) o debate já estava em andamento pelo menos dez anos antes, quando houve um reconhecimento geral dos especialistas dos grupos Khoisan sobre possíveis falhas teóricas existentes acerca dos !Kung e de outros grupos que habitam o Kalahari. A eclosão do debate aconteceu de fato após o lançamento do trabalho do Edwin Wilmsen *Land Filled with Flies: A Political Anthropology of the Kalahari* na década de 1980, no qual ele tenta demonstrar através de dados arqueológicos, análise sociocultural e pesquisa de arquivos e fontes históricas que os San não seriam um grupo isolado ou que teriam essa tendência, mas que durante os milênios anteriores eles estiveram em contato contínuo com comerciantes e outros grupos durante grande parte da história da África Austral.

Uma dessas falhas teóricas identificadas estariam nos trabalhos realizados por Richard Lee acerca dos !Kung, que apesar de mencionar a presença dos Herero nos territórios !Kung esse registro parece passar despercebido por grande parte dos leitores de seu trabalho (Barnard, 1992). Nesse sentido, Lee apesar de descrever as relações com grupos externos - “outsiders” - sinalizou esse contato como algo decorrente de uma mudança social, no entanto, o que ficava enquanto questão era “quando a vida ‘tradicional’ termina e a ‘mudança social’ começa?”<sup>13</sup> (Barnard, 1992, p.5, tradução minha).

Outro aspecto refere-se ao registro de etnógrafos ainda na década de 1960, a exemplo de Shula Marks (1972), que ao tratar dos agrupamentos sociais em séculos anteriores na região do Cabo (África do Sul) coloca em jogo a classificação desses grupos entre “caçadores” e “pastores”. O argumento dela é que existem evidências que

---

<sup>12</sup> Conhecido também como ‘Great Kalahari Debate’ The ‘Kalahari Debate’, ‘Great Kalahari Debate’, ‘Bushman Debate’, ‘(Second) Great Bushman Debate’, ‘Kalahari Bushman Debate’, ‘Kalahari San Debate’, ‘Revisionist Debate’, ‘Forager Controversy’, or ‘Crisis in Hunter-Gatherer Studies’. (Barnard, 1992).

<sup>13</sup> “When does ‘traditional’ life end and ‘social change’ begin?”

esses grupos sempre estiveram em mudanças entre esses dois “modos de produção”, de maneira tal, que não haveria tal distinção entre os San e os Khoi, já que a classificação deles “mudaria” em termos relativos à posse ou não posse de gado.

Moreover, while groups of San could acquire cattle and become herders—a process which probably became more difficult once the Dutch settled at the Cape—it is equally clear that Khoi herders who lost their cattle reverted to hunting and gathering, and became 'Bushmen'. Indeed, by the second decade of the eighteenth century 'tame Bushmen' were working for white settlers—and cattleless Khoi had become 'Bushman' resisters. The responses of both groups to the first Europeans to land at the Cape were part of a far longer process of adaptation which had probably started with the coming of the Iron Age to southern Africa more than 1,000 years earlier (Marks, 1972, p.59-60).

Dessas constatações é que nos anos seguintes ocorrerão publicações que caracterizarão as duas posições anteriormente citadas. De um lado os “isolacionistas” e “tradicionalistas” que vão defender a existência, de forma flexível, que os Bosquímanos poderiam ser vistos como grupos que mantiveram um certo isolamento cultural e que por isso poderiam ser analisados dessa forma, e os “revisonistas” ou “integracionistas” que seguindo o apontamento da Shula Marks, acreditam que qualquer visão que considere os Bosquímanos como um grupo isolado culturalmente seria infundada, assim, compreenderiam esses grupos como uma subclasse que teria surgido no contato com estrangeiros e outros grupos vizinhos, sendo dessa forma resultado de um fenômeno de longa duração (Barnard, 1992).

Dois trabalhos publicados no periódico *Current Anthropology* no ano de 1990 se constituem como ponto central para esse debate (Kuper, 1993). O primeiro, publicado em abril, é o artigo de Jacqueline Solway e Richard Lee (1990) cujo argumento central é que os estudos acerca das sociedades autônomas e auto-reguladas estariam equivocadamente interpretando as relações de trocas existentes entre os San e os grupos de língua Bantu como evidência da perda de autonomia dos San. Essas críticas, segundo os autores, teriam origem nas décadas de 1970 e 1980 já que um dos temas centrais da antropologia desse período seria a produção de um contraponto aos modelos etnográficos que tendiam a retratar as sociedades como isoladas e de forma atemporal. Para eles, esse revisionismo na tentativa de compreender as conexões existentes e desfazer mitos como o de pureza social, estariam na verdade criando um espantinho e distorcendo dados ao sinalizar conexões onde não existem, afirmando que se há evidência de trocas entre grupos isso implicaria necessariamente na perda de autonomia

dos San. De forma que consideram que um dos problemas centrais dessa perspectiva seria projetar uma uniformidade espúria (hipotética) em uma região vasta e diversa. Logo, através desse artigo tentam analisar e demonstrar por meio de dois estudos de caso - os Kweneng San e os !Kung - a variedade e as consequências do contato dos San com os não-San no deserto do Kalahari, defendendo o argumento de que estes podem assumir diferentes formas sem necessariamente levar a dependência, ao abandono do forrageamento ou a incorporação de outras formações sociais “mais poderosas”. Na análise produzida pelos autores os Kweneng San, teriam um modo de vida mais próximo de grupos de língua bantu, enquanto o !Kung teriam mantido um isolamento maior em relação a proximidade e contato com os grupos não-San.

O segundo artigo, publicado em dezembro do mesmo ano, é de autoria de Edwin Wilmsen e James Denbow (1990) que seguindo a questão do artigo anterior - se seriam os Bosquímanos genuínos ou espúrios - vão sinalizar que grande parte dos dados produzidos no deserto do Kalahari se deu num momento em que inexistia dados arqueológicos gerando uma interpretação equivocada. Assim, eles retomam o que seria o primeiro grande debate sobre os Bosquímanos que ocorreu no início do século XX, entre o geógrafo Siegfried Passarge e o antropólogo Gustav Fritsch, ambos alemães, onde “a questão era, é claro, quem viu os Bosquímanos reais”<sup>14</sup> (Wilmsen; Denbow, 1990, p.490, tradução minha). A posição adotada por estes autores é que as categorias como “Bosquímanos” e “San” seriam inventadas e a figura emblemática dos “forrageadores do Kalahari” seria uma “reificação etnográfica” para uma série de estratégias adotadas por grupos rurais pauperizados, como seria o caso, de grupos San na região do Botswana.

Basicamente os autores retomam de forma crítica o argumento de Passarge acerca do processo histórico (ou de mudança social) que teria levado os Bosquímanos a abandonarem a caça e a se render a uma lógica submissa a grupos adjacentes, sobretudo, em virtude da entrada de mercadores europeus na região que datam da década de 1850, de modo que “[...] [Passarge] considera que existência dos ‘bosquímanos’ como aborígenes puros teria deixado de existir no início do século 19”<sup>15</sup> (Wilmsen; Denbow, 1990, p.490, tradução minha).

Não obstante, Wilmsen e Denbow vão seguir na crítica a Solway e Lee ao afirmar que as categorias como “San”, “Bosquímanos”, “caçadores-coletores”, “forrageadores” entre outras, seriam produtos de uma transmutação no qual elas se

---

<sup>14</sup> “The issue was, of course, who saw the real Bushmen”.

<sup>15</sup> “[...] he considered pure aboriginal ‘bushman’ existence have to ended in the early 19th century”

tornam “objeto” e “função” com o intuito de legitimar a reconstrução simbólica - através de uma ontologia particular - de uma área Euroamericana (de pesquisa) (Wilmsen; Denbow, 1990). Assim - tomando como base a reflexão da linguista Mary L. Pratt (1985) - vão apontar que:

The form of this discourse continues to shape modern ethnographies of "Bushmen," ethnographies that serve to authenticate Euroamerica's subjective representation of its own past by fitting an iconic "Bushman" into a prefigured category [...], often called "primitive" (not only in the 19th century) and ethnographically labelled "hunter-gatherer" or "forager" today. By displaying objectified peoples as exemplars of this category existing "in a timeless present tense... not as a particular historical event but as an instance of a pregiven custom or trait" (Pratt 1985:120), ethnography validates the epistemological program required by the ontological quest. Consequently, the intrinsic realities of these objects are in themselves of little or no interest. What is important is that the objects conform to a discursive narrative; while any of the parts may be questioned at any time, the ontological reconstruction itself becomes unchallengeable as a whole (Wilmsen; Denbow, 1990, p.494).

Outro aspecto crítico levantado é o uso da “história” como fundamento da narrativa criada por Lee e Solway. Para Wilmsen e Denbow, esses autores não compreendem a história da perspectiva de uma historicidade, ou seja, não entendem o processo pelo qual formações sociais realizam transformações, tampouco, parecem se basear na construção de uma historiografia pela qual essas transformações poderiam ser compreendidas ao longo do tempo, o que culminaria no privilégio aferido a experiência das pessoas enquanto indivíduos nas suas pesquisas e cuja “história social” a que fazem referência um ícone de caráter abstrato. O resultado dessas características teria como fim a construção de uma anedota científicista, um uniformitarianismo e um historicismo ingênuo (Wilmsen; Denbow, 1990).

Apesar das críticas contundentes, a persistência do debate acerca da busca legítima relacionada ao modo de vida dos caçadores-coletores do Kalahari - associada às hipóteses relativas quanto a possível persistência dos grupos em face do contato com outros povos ou a sua suposta subjugação - e a tentativa de encontrar o grupo humano mais próximo do que seriam os nossos ancestrais (“primitivos”) é atravessado por uma interlocução de outras áreas científicas.

No final do século XX e início do século XXI, vamos ter pesquisas na área da Biologia, especificamente no campo da medicina molecular e genética, a construção de dados que vão dar suporte exatamente às suposições históricas e etnográficas levantadas por Solway e Lee. No ano de 1995 o estudo publicado por Cheng *et al* (1995) vai

examinar a variação do DNA mitocondrial (mtDNA)<sup>16</sup> em algumas populações africanas com o intuito de compreender melhor a diversidade dentro do continente africano. A pesquisa através de técnicas de análise molecular vai examinar a composição genética de alguns grupos africanos - os Mandekalu, os Wolof, os Biaka Pigmeus (ou Pigmeus Ocidentais) e os Mbuti Pigmeus (ou Pigmeus Orientais) - e descobrir que os haplogrupos<sup>17</sup> mitocondriais africanos seriam mais diversos e antigos do que aqueles encontrados em outros continentes, ou seja, a comparação da divergência genética intrapopulacional entre populações africanas e não africanas teriam demonstrado uma maior variação do mtDNA nas populações africanas. De modo que a conclusão do trabalho aponta para a hipótese de que o grupo humano mais antigo e os humanos modernos teriam uma mesma origem a partir do continente africano.

Já em 2000, Cheng *et al* (2000) publicou um outro trabalho de análise comparativa, mas que possui como foco duas populações sul-africanas de língua Khoisan, os !Kung e os Khwe<sup>18</sup> - que são exatamente aqueles citados no trabalho Solway e Lee (1990). Nesse artigo, novamente busca-se investigar a variação de mtDNA com o intuito tanto de compreender a diversidade genética entre esses grupos como as relações de parentesco entre as populações africanas e não-africanas. O resultado dessa análise comparativa demonstra que do ponto de vista mais genérico os Biaka Pigmeus teriam uma das mais antigas sublinhagens de Poliformismo de Comprimento de Fragmento de Restrição (RFLP)<sup>19</sup> observadas através do mtDNA africano, mas também os !Kung, podendo estes grupos representar as populações mais antigas existentes no continente africano. Por outro lado, a comparação da sequência genética dos !Kung e os Khwe com outras populações africanas demonstraram efetivamente a associação dos !Kung com outros povos de língua Khoisan, já os Khwe por sua vez estariam agrupados mais próximos dos povos de língua Bantu. Se levarmos em consideração essa análise, pode-se inferir que apesar das críticas elaboradas por

---

<sup>16</sup> É um material genético encontrado nas mitocôndrias que são organelas relacionadas ao processo de energia celular. Diferente do DNA nuclear encontrado nas células que possuem material genético herdado do pai e da mãe, o DNA mitocondrial, por sua vez, possui como base material genético herdado unicamente da mãe.

<sup>17</sup> Em genética, um haplogrupo é um grupo de indivíduos que compartilham um ancestral em comum. Utiliza-se como base marcadores genéticos específicos encontrados no DNA mitocondrial ou cromossomo Y.

<sup>18</sup> A depender do artigo ou publicação, os autores optam por grafias diferentes para se referir a grupos similares. Optei, em cada caso, utilizar a grafia original de cada publicação. No texto de Solway e Lee (1990) estes fariam referência aos Kweneng San, que são nominados como Bakwena (que também é grafada como Bakoena ou Barakwena).

<sup>19</sup> É uma técnica da biologia molecular na qual uma amostra de DNA é digerida em fragmentos por enzimas, chamadas de enzimas de restrição, na qual esta pode clivar de forma seletiva uma molécula de DNA. Os fragmentos de DNA produzidos através desse processo de digestão são separados por seu comprimento através de um processo denominado eletroforese em gel.

Wilmsen e Denbow ( que toma como base achados arqueológicos) ao trabalho realizado por Solway e Lee, da perspectiva científica da biológica contemporânea teríamos uma confirmação da hipótese isolacionista em detrimento da crítica operada pelos revisionistas.

E é aqui que chegamos no ponto central desta pesquisa que é tentar compreender como a partir da análise histórica e antropológica de um grupo particular - os grupos caçadores-coletores de língua Khoisan - associada a outras perspectivas científicas, podem mobilizar ou construir determinados imaginários e quais seus efeitos e implicações políticas, tanto no campo científico em si como no seio social. De outro modo, o objeto aqui navega pela questão que para o antropólogo Tim Ingold (2015) seria impossível de se concretizar pela análise estritamente antropológica - através da comparação e contraste da maneira como as pessoas de todos e lugares percebem e agem no mundo - de se seria possível “extrair alguns denominadores comuns - possíveis a candidatos humanos?” (Ingold, 2015, p.471). Ou seja, como se constrói esses imaginários e suas narrativas?

### Referências

BARNARD, A. The Kalahari Debate a Bibliographical Essay. 1 jan. 1992. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/683478/The\\_Kalahari\\_debate\\_A\\_bibliographical\\_essay](https://www.academia.edu/683478/The_Kalahari_debate_A_bibliographical_essay)>.

Acesso em: 23 jan. 2024.

CHEN, Y. S. *et al.* Analysis of mtDNA variation in African populations reveals the most ancient of all human continent-specific haplogroups. *American Journal of Human Genetics*, v. 57, n. 1, p. 133–149, 1 jul. 1995. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7611282/>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CHEN, Y.-S. *et al.* mtDNA Variation in the South African Kung and Khwe—and Their Genetic Relationships to Other African Populations. *The American Journal of Human Genetics*, v. 66, n. 4, p. 1362–1383, abr. 2000. Acesso em: 25 mar. 2024.

ENGELS, F. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. [S.l.]: Marxist Org, 1964. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1884/origem/index.htm>>. Acesso em: 26 out. 2023.

FRAZER, J. G.; FRASER, R. *The Golden Bough : a Study in Magic and Religion*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

KUPER, A. Documenting the Great Kalahari Debate: A Bibliographical Essay. Alan Barnard. *Current Anthropology*, v. 34, n. 1, p. 108–108, fev. 1993. Acesso em: 27 jan. 2024.

LEAKEY, L. S. B.; LEAKEY, M. D. Recent Discoveries of Fossil Hominids in Tanganyika : At Olduvai and Near Lake Natron. *Nature*, v. 202, n. 4927, p. 5–7, abr. 1964. Acesso em: 17 abr. 2021.

LEE, R. B.; DEVORE, I. *Man The Hunter*. Nova York: Aldine de Gruyter, 1987.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 1ª edição ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MARKS, S. Khoisan resistance to the Dutch in the seventeenth and eighteenth centuries. *The Journal of African History*, v. 13, n. 1, p. 55–80, jan. 1972. Acesso em: 25 jan. 2024.

MORGAN , L. H. *Ancient Society* . [S.l.]: Marxist Org, 1944. Disponível em: <<https://www.marxists.org/reference/archive/morgan-lewis/ancient-society/index.htm>>. Acesso em: 26 out. 2023.

MURDOCK, G. P. The Current Status of the World's Hunting Gathering Peoples. In: LEE, R. B.; DEVORE, I. (Org.). *Man The Hunter*. New York: Aldine De Gruyter, 1987.

PRATT, M. L. Scratches on the Face of the Country; Or, What Mr. Barrow Saw in the Land of the Bushmen. *Critical Inquiry*, v. 12, n. 1, p. 119–143, 1985. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1343465>>. Acesso em: 14 mar. 2024.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Método Comparativo em Antropologia Social. *Radcliffe Brown: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1978. p. 43–58.

SAHLINS, M. *Stone age economics*. London ; New York, Ny: Routledge Classics, 2017.

SOLWAY, J. S.; LEE, R. B. Foragers, Genuine or Spurious?: Situating the Kalahari San in History [and Comments and Reply]. *Current Anthropology*, v. 31, n. 2, p. 109–146,

1990. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2743583?origin=JSTOR-pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2024.

THEAL, G. M. *History and Ethnography of Africa South of the Zambezi*. London: [s.n.], 1909. v. 2. Disponível em: <<https://archive.org/details/historyofafricas02thea/page/82/mode/2up>>. Acesso em: 11 jan. 2024.

WILMSEN, E. N.; DENBOW, J. R. Paradigmatic History of San-Speaking Peoples and Current Attempts at Revision [and Comments and Replies]. *Current Anthropology*, v. 31, n. 5, p. 489–524, dez. 1990.

WRIGHT, J. San History and non-san Historians. *Collected Seminar Papers. Institute of Commonwealth Studies*, n. 22, p. 1–10, 1978. Disponível em: <<https://sas-space.sas.ac.uk/4057/>>. Acesso em: 4 jan. 2024.